

Comunicação Oral

**MEMÓRIA E FOTOGRAFIA EM INSTITUIÇÕES MEMORIAIS: A
CONTRIBUIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO PARA O ESTUDO DOS
SISTEMAS MEMORIAIS.**

Albertina Otávia Lacerda Malta - FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Marcos Galindo – UFPE

Resumo

Objetivo: Contextualizar a importância do processo de organização da informação de acervos fotográficos, para viabilizar o acesso das imagens em uma rede memorial, à semelhança da recuperação de lembranças no Sistema Nervoso Central, admitindo que imagens de uma cidade são instrumentos para desencadeamento da afetividade e das emoções que dão sustentação ao pertencimento, à cidadania e à memória coletiva. **Fundamentação teórico-metodológica:** Coleções de fotografias são peças importantes do patrimônio cultural, porque despertam memória social coletiva, auxiliam na formação do sentimento de pertencimento e podem ser o único elo entre o passado e o presente. No entanto as instituições de memória precisam dialogar entre si, portanto prover tratamento informacional às imagens com linguagem documentária permitindo recuperação de informações de forma sistematizada. **Resultados:** O método de análise documentária para descrição sistematizada de imagens fotográficas, preconizado por Manini, é uma possibilidade de processamento da informação imagética, com potencial de disponibilizar fotografias, de forma organizada, a um grande número de pessoas, independente do local de guarda do acervo. Foram apresentados exemplos do método empregando fotografias custodiadas em acervo de três instituições memoriais da cidade do Recife. Demonstrou-se que o método é adequado para descrever a fotografia como documento, memória, fonte de informações e emoções. **Conclusões:** A pesquisa, ao mesmo tempo, apontou um caminho e os benefícios que se podem auferir pelo uso da análise documentária de imagens, e foi um convite para que as instituições de memória operacionalizem sua equifinalidade numa rede memorial como agenda de futuro. Será a partir do passeio sobre fragmentos do passado fixados em saias de prata que se deverá buscar despertar a memória para iluminar a história, bem como trazer a história para pôr luzes nas fotografias.

Palavras-chave: Fotografia. Análise documentária de imagem. Sistema Memorial. Memória.

Abstract

Objective: To contextualize the importance of the process of organizing information of photographic collections, to enable the access of images in a memorial network, similar to the recovery of memories in Central Nervous System, assuming that images of a city are instruments for triggering affectivity and emotions that sustain belonging, citizenship and collective memory. **Theoretical and methodological fundamentals:** Collections of photographs are important parts of the cultural heritage, because they awaken collective social memory; aid the formation of belonging sense and may be the only link between past and present. However the memory institutions need to dialog to each other, from which derives the need to provide informational treatment of images with indexing language to standardize the documentary method, allowing retrieval of information in a systematic way. **Results:** The

method of documentary analysis to systematized description of images, advocated by Manini, is a possibility of information processing imagery, with the potential to provide photographs, in an organized manner, to a large number of persons, regardless of custody location of acquis. We presented examples of the method employing custody photographs in collection of three memorial institutions of Recife. It has been shown that the method is suitable for describing photography as document, memory, informations and emotions. **Conclusions:** The research, at the same time that pointed a path and the benefits that may derive from the use of documentary analysis of images, is an invitation for institutions to operationalize their equifinality of a memorial network as a future agenda. From the ride on fragments of the past set in silver salts, one should seek to awaken the memory to illuminate history and bring history to put lights in photographs.

Keywords: Photograph. Image documentary analysis. Memorial System. Memory.

INTRODUÇÃO

As fotografias encontradas em arquivos, reunidas em uma coleção ou mesmo em álbum, são imagens que buscam valorizar esse lado humano das coisas, o lado espiritual, além do apenas terreno e mundano. Afinal, que há de mais humano que o espírito? Exatamente aquilo que se tem de menos tangível, o espírito, encontra paralelo na memória, na faculdade de guardar – em um tempo que ultrapassa a contagem pura e simples dos dias, dos anos, dos séculos, um tempo próprio da memória – as coisas, os fatos, as pessoas e os lugares que proporcionaram ou proporcionam, enfim, a vontade de viver e dão o significado da vida.

Proceder à discussão sobre sistema memorial pressupõe um olhar acerca da condição em que se encontra o patrimônio, um olhar o mais amplo possível e de forma dinâmica, entendendo o passado para desenhar soluções no presente, mas com olhos no futuro. É preciso admitir o sistema memorial como um conjunto de organizações e aparelhos públicos e de programas estratégicos, custodiados por instituições de missão memorial, tais como arquivos, museus e bibliotecas, para promoção, preservação e acesso ao patrimônio memorial e ainda para a informação de interesse histórico. Todavia o primordial é discutir, à luz da Ciência da Informação, a construção de uma rede de memória tendo como base acervos fotográficos.

A identificação de coleções de fotografias sobre o Recife que não dialogavam entre si, custodiadas por diferentes instituições, com características semelhantes, produzidas por fotógrafos que conviveram em uma mesma época e circularam pelos mesmos espaços, motivou a pesquisa. São memórias em saís de prata de uma cidade que se transformou e se transforma a cada dia, com a mesma velocidade com que cresce, termina esquecendo ou apagando sua história.

O objetivo da pesquisa foi contextualizar a importância do processo de organização da informação de acervos fotográficos, para viabilizar o acesso das imagens em uma rede memorial, à semelhança da recuperação de lembranças no Sistema Nervoso Central, e de

informações no Sistema Informacional, admitindo que imagens de uma cidade são instrumentos para desencadeamento da afetividade e das emoções que dão sustentação ao pertencimento, à cidadania e à memória coletiva.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 A FOTOGRAFIA E A MEMÓRIA

Otlet, considerando a possibilidade da exploração da imagem fotográfica como objeto da documentação, alertou pela primeira vez para a necessidade de se identificar, organizar e preservar os acervos fotográficos, para que esses pudessem ser aproveitados como fonte de pesquisa, cooperação e intercâmbio entre sistemas de informação, bem como para formar redes interligadas de acervos (SANTOS, 2007). Para essa organização, o profissional da informação deve considerar as particularidades que fazem a fotografia ser diferente de outros documentos, ao mesmo tempo em que deve tratá-la, no aspecto arquivístico, como um documento igual aos demais.

À luz da Ciência da Informação, realizar análise criteriosa de uma imagem fotográfica, levando em consideração sua natureza polissêmica, é captar seu algo mais, seu conteúdo informacional. Os vários olhares possíveis tornam a fotografia muito mais que um objeto. Passa a ser uma fonte de dados que ultrapassa as possibilidades do texto escrito previamente e que, por sua vez, resultará numa descrição escrita destas novas informações, exclusivamente imagéticas (MANINI, 2002). Na análise documentária, Manini (2002) submete as imagens fotográficas aos procedimentos de descrição quanto ao conteúdo informacional, por meio das perguntas *Quem, O que, Onde, Quando e Como*, usualmente utilizadas para documentos textuais, cruzando com os aspectos genéricos e específicos das imagens com a categoria *Sobre*, bem como acrescenta a *Dimensão Expressiva*, como foco de leitura para a representação da imagem, com vistas à indexação pelo uso de palavras-chave, como expresso no Quadro 1 (MANINI, 2002).

Quadro 1 – Perguntas e categorizações

Pergunta	Conceito e Categorização
Quem/O que	Identificação do objeto enfocado Categorização: Seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
Onde	Localização da imagem no espaço Categorização: Espaço geográfico ou espaço da imagem
Quando	Localização da imagem no tempo Categorização: Tempo cronológico ou momento da imagem
Como	Descrição de atitudes ou detalhes relacionados ao objeto enfocado, quando este é um ser vivo
Sobre	Síntese do que significa a imagem, nomeada a partir de um ou vários conceitos abstratos e que pode ser deduzida a partir de vários componentes da imagem
Dimensão	Como a fotografia expressa o seu conteúdo informacional, através das variadas técnicas fotográficas

expressiva e da posição da câmara no momento da tomada

Categorização: Efeitos, ótica, enquadramento, luminosidade, composição, etc.

Fonte: Adaptado de Manini (2002, p.103-104)

A importância da metodologia de Manini (2002) é respeitar o mesmo processo pelo qual ocorre a fixação da informação na memória, favorecendo e reforçando a constituição de um sistema memorial, cuja origem remonta à lógica expressa na Teoria Geral de Sistemas, a qual tem por base a teoria da comunicação, admitindo que a moeda de troca entre os diversos elementos de um sistema é a informação. Nesse contexto, informação deve ser entendida como qualquer processo por meio do qual os elementos mantêm o equilíbrio do sistema, ou seja, a organização harmoniosa e operante.

As informações trafegam dentro do sistema, entre seus elementos, assim como entre o sistema e o meio em que está inserido, determinando ou reforçando comportamentos. Em virtude dessa troca de informações, o sistema é considerado aberto. Num sistema aberto, a informação é ativada e ativadora, respeitando o processo de retroalimentação, ou seja, o processo cíclico de informação, desencadeante ou bloqueador da mensagem (WECKOWICZ, 1989). Durante uma comunicação, o emissor origina uma mensagem ou estímulo, que contém uma informação, um comando, uma ordem a ser cumprida pelo receptor. A resposta do receptor determinará a conduta seguinte do emissor. Se a resposta é positiva, coerente com a informação, o emissor cessa a mensagem; caso contrário, o emissor prossegue repetindo a mensagem até que a ordem seja completamente cumprida pelo receptor. Depreende-se do exemplo que a retroalimentação é um processo autolimitado, controlado e programável, porque seu desencadeamento tem origem nas necessidades do homem, para que o sistema a que ele pertence mantenha-se harmonioso. Considerando que, na Teoria Geral de Sistemas, a característica principal é a equifinalidade, ou seja, todos os elementos do sistema têm a mesma importância na manutenção do todo e exercem a mesma função, a troca de informações é vital para economia de energia, coordenação de ações e regulação (BERTALANFFY, 1975).

Ao longo da vida, as informações são armazenadas na memória de tal forma que o cérebro cria uma imagem mental das vivências, sejam elas lembranças, valores, sentimentos, crenças, positivas ou negativas. Um conjunto de vivências é armazenado na memória explícita e pode ser disponibilizado consciente e voluntariamente. Outro conjunto de experiências de vida é armazenado na memória implícita, involuntária e inconsciente, a qual é ativada pela repetição de fatos que desencadeiam reações emocionais, respostas motoras, sensibilizam ou geram habituação (CALLEGARO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2007; ROBERTSON, 2002). A título de exemplo, pode-se afirmar que a visão de uma foto familiar dos pais estimula a

memória explícita e faz com que o indivíduo possa verbalizar imediatamente os nomes dos personagens ou mesmo do local em que a imagem foi captada. Adicionalmente, a imagem pode desencadear sentimento de alegria aparentemente inexplicável, porque proveio da memória implícita. A fotografia é uma expressão exomemórica, porque é produto da inteligência humana. Analogamente, a visão de uma imagem da cidade natal instiga a memória explícita; desperta lembranças não apenas do local físico fotografado, mas, sobretudo, de eventos que aí ocorreram. Tais lembranças podem ser extremamente ricas, a ponto de serem verbalizadas histórias com detalhada descrição da luminosidade, dos sons, das pessoas que foram gravadas na memória explícita, do que advém o pertencimento ao local de origem. A imagem da cidade natal estimula igualmente a memória implícita, despertando sentimentos que não podem ser verbalizados, mas são percebidos e silenciados, porque não há o dizer! (ROBERTS; TRAVIS, 2012).

A sistematização da informação pela metodologia sugerida por Manini (2002), oferece a possibilidade de recuperação de informações aparentemente relegadas ao esquecimento o qual consiste, em linhas gerais, a registros neurais de difícil resgate, atribuídos à falta de atenção, à pouca importância de uma informação dado seu aspecto corriqueiro, à execução concomitante de duas tarefas, das quais uma é considerada mais importante que a outra, ou mesmo a aspectos afetivos que bloqueiam a lembrança. Dessa feita, observar uma imagem fotográfica de um local familiar ou ler seus detalhes descritivos favorece transferir a informação da memória implícita à explícita e facilitar o sentimento de pertencimento (ROBERTS; TRAVIS, 2012). Na medida em que as memórias implícita e explícita são elementos da imagem mental, que se expressa em comportamentos, a sistematização da informação pode também contribuir para melhor qualidade de vida das pessoas. Essa sistematização, facilitando o resgate de eventos, fatos, sentimentos, crenças positivas, que se traduzem em prazer e alegria, contribui para reforçar comportamentos adaptativos e desconstruir comportamentos desadaptativos decorrentes de registros que desencadeiam sofrimento e respostas inadequadas ou exacerbadas diante de fatos aparentemente despidos de significado (CALLEGARO; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2007).

Os sistemas de informação emulam a natureza, reagem sistemicamente, mas são dotados de uma racionalidade. Os SI tem como diferencial estarem dotados de meios técnicos que permitem a preservação do passado, porque possibilitam o armazenamento e a disseminação de informações contidas em documentos e arquivos. Dessa forma, o SI viabiliza a reconstrução da história e sua disponibilização ao serviço da memória social, um resgate amplo do passado próximo ou longínquo, o que permite compreender o presente e, mesmo,

perceber as possibilidades futuras (CORNELSEN; MIRANDA, 2010). Daí decorre que o SI permeia a ressignificação da memória neurológica, por lhe conferir a característica social, a qual contribui para a formação da memória coletiva (NORA, 1993; CORNELSEN; MIRANDA, 2010). Nesse contexto, a sistematização da informação pela metodologia de Manini (2002), ao detalhar as características da imagem fotográfica, dotou o SI de padrões de metadados descritivos, facilitando a constituição de um Sistema Memorial.

Embora o Sistema de Informação e o Sistema Memorial respeitem a organização lógica, previsível e reconhecível das informações, apenas o último tem como premissas organizacionais preservação, resgate e acesso do patrimônio memorial; propicia a formação de uma rede memorial, a qual pressupõe comunicação e interação, dado que todas as instituições, desenvolvendo a mesma atividade com o mesmo objetivo, podem se intercomunicar para que a interoperabilidade traga maiores benefícios sociais (GALINDO, 2010). É condição *sine qua non* para o Sistema Memorial, em Ciência da Informação, ser concebido de forma que as instituições trabalhem em regime de interoperabilidade, compartilhando conhecimento, informações, recursos humanos, físicos e financeiros, para reduzir gastos e ganhar eficiência.

Ao permitir que sistemas de informação possam partilhar seus recursos informacionais, mantendo o reconhecimento de sua independência, com base em protocolos universais de troca de dados (GRADMANN, 2009), a facilidade de acesso a um número maior de imagens custodiadas por essas instituições memoriais pode facilitar que a fotografia da cidade desperte nos cidadãos os sentimentos de pertencimento e de afetuosidade (MARTELETO, 2001).

1.2 FOTOGRAFIA DA CIDADE: PERTENCIMENTO E SENTIMENTOS

Partindo da premissa de que “só se defende o que se ama e só se pode amar o que se conhece”, pode-se afirmar que a análise de coleções de fotografias antigas de uma cidade configura-se uma forma de desencadear ou reforçar o sentimento de pertencimento, processo que se avulta com a difusão dessas informações por meio da Ciência da Informação (COUTO, 2009, p. 58-59).

O sentimento de pertencimento é a forma pela qual as pessoas se percebem integrantes do mesmo ambiente, do mesmo lugar, na dependência de sua necessidade e capacidade, associando componentes cognitivos, sociais e psicológicos por meio da memória (MONTEIRO, MAIA, 2009). Considerando que a construção e a reconstrução dos fatos a serem gravados na memória necessitam de lugares, o conceito expresso por Santos (1994) é

pertinente. Lugar é a extensão do acontecer solidário, ou seja, o *locus* do viver junto, do coletivo, do intersubjetivo; é o depósito final dos eventos (SANTOS, 2003). Pode-se afirmar que lugar é o espaço em que se viveu, em que se trabalhou, em que foram compartilhados experiências e relacionamentos interpessoais, portanto onde foi construído o sentimento de pertencimento (MOREIRA, HESPANHOL, 2007).

É neste viver junto que se constroem a memória individual, implícita ou explícita, imediata ou tardia. Também é construída a memória das cidades, as marcas deixadas pelos grupos sociais nos lugares em que viveram, o que configura a memória coletiva, porque se desenvolve em lugares compartilhados (MALTA, LIMA, 2012). O sentimento de pertencimento atribui aos lugares uma nova significação, constituída por valores e interpretações carregados de emoção, de tal sorte que transforma lugares geográficos em sítios especiais, guardados na memória (CORRÊA, 2005). Ao um só tempo, o sentimento de pertencimento forma a memória social, constrói o patrimônio histórico, dá identidade a cada local, contribui para a identificação de cada indivíduo com o espaço e permeia a construção da cidadania (RODRIGUES. MACHADO, 2010).

A análise da imagem fotográfica registra a paisagem, que não é o que o olho frio de uma objetiva capta, mas o contexto visual do cotidiano; uma porção do espaço na qual ocorre a combinação dinâmica, instável dos elementos físicos (abióticos), biológicos e antrópicos os quais, reagindo entre si, transformam-na em um conjunto único, indissociável (BERTRAND, 1972). Essa conjunção de fatores faz com que a paisagem tenha caráter transitório, subjetivo, infra-consciente, pois, além da possibilidade de modificação dos elementos físicos e biológicos, a percepção, a projeção afetiva e mental também muda, bem como o comportamento dos indivíduos. Pelo fato de paisagens estarem situadas em lugares, é a subjetividade das paisagens que confere também subjetividade e sentimento de pertencimento aos lugares, configura os lugares enquanto locais de representação e de ligação afetiva (SALGUEIRO, 2001).

As paisagens podem ser modificadas por alterações em seu componente físico, por mudança do traçado das ruas e construção de novas edificações, por alterações paisagísticas do componente biológico, como na construção ou reconstrução de jardins, ou ainda, derivada das flutuações decorrentes da realidade de vida, às quais está condicionada a subjetividade da leitura dos lugares, ou seja, a percepção da paisagem (POLLACK, 1992). Essas possibilidades de modificação da paisagem fazem com que as memórias coletivas se eternizem muito mais em registros e em documentos do que em formas materiais inscritas na paisagem. São esses documentos que, ao transformarem a memória coletiva em memória histórica, preservam a

memória das cidades e permitem que possamos contextualizar os testemunhos do passado que restaram na paisagem (ABREU, 1998).

Pode-se então afirmar que a fotografia não apenas se constitui em uma forma de ver o mundo, como também de dar o mundo a diferentes leituras e, por extensão, deixar perceber o lugar como resultado da edição das práticas sociais e discursivas que o compõe. Em outras palavras, a fotografia viabiliza e permeia a percepção de que o lugar é um conceito inacabado; é apenas uma dentre várias versões que podem reforçar o sentimento de pertencimento da cidade (OLIVEIRA JÚNIOR, 2010). A fotografia roteiriza a cidade. Retém as cenas públicas ou privadas, transmitindo para as gerações a ideia de uma possível realidade não manipulada (HOLLANDA, 2000).

As fotografias ainda exercem outros efeitos sobre a memória das cidades. Permitem a comprovação de que os lugares não nos chegam prontos, mas vão sendo construídos a partir de imagens e ideias, as quais, por sua vez, norteiam juízos de valor, interpretações emocionais e vivenciais acerca deste ou daquele lugar (OLIVEIRA JÚNIOR, 2010). Ademais, extrapolando a leitura de modismos, as fotografias permitem a leitura da cidade para além da concepção de obra arquitetônica, transportando-a para o âmbito social, o que pode favorecer a preservação de sua função enquanto local de memória, de cultivo de corpo e espírito, incitando os cidadãos a pensarem e atuarem politicamente quando de discussões sobre ocupação do solo e apropriação dos espaços (MALTA, LIMA, 2012).

A título de exemplo, imaginemos que a balaustrada de uma ponte, inicialmente construída em madeira, fora substituída por gradil de ferro trabalhado e, posteriormente, por uma em alvenaria. Admitamos também que, em cada um desses momentos históricos, uma imagem fotográfica foi registrada. Dessa forma, distribuir tais fotos na sequência temporal possibilita resgatar as diversas “camadas” históricas da balaustrada, tal como ocorre com o resgate da cor original de uma tela de arte. Significa dizer que a fotografia permite identificar o constante refazer da função e do significado da cidade, da hibridez das paisagens que se sucedem como um palimpsesto (COELHO, 2009).

MÉTODO

O estudo foi realizado em duas etapas. A primeira etapa (preparatória) consistiu de caracterização das instituições que constituíram locais de estudo e de seus respectivos acervos, os quais compuseram o corpus da pesquisa. A segunda etapa (diagnóstica), que integra os resultados, consistiu da análise do sistema de catalogação das fotografias, da automação das informações e da composição das fichas catalográficas que acompanhavam as

imagens. Admitiram-se como critérios de inclusão das instituições que consistiram em locais de estudo: serem da administração pública, nas esferas federal, estadual ou municipal, estarem localizadas no Recife e disporem de acervo fotográfico. Foram selecionados a Fundação Joaquim Nabuco, o Museu do Estado de Pernambuco e o Museu da Cidade do Recife, por serem instituições públicas, o que significa que as coleções estavam sob a guarda do Estado.

Em cada uma das instituições eleitas como locais de estudo, admitiram-se como critérios de inclusão dos acervos: a) retratarem a cidade do Recife; b) no período de 1880 a 1930; c) serem de autoria de fotógrafos representativos da época; d) terem sido captadas em locais que sofreram transformações urbanísticas, no período em estudo; e) com qualidade técnica e, adicionalmente, em estado de conservação que possibilitasse manuseio. Preenchendo tais critérios de inclusão, foram localizadas imagens dos fotógrafos Constantino Barza, Manoel Tondella, F. Du Bocage e outros, cuja identificação e atribuição de autoria, até então, não podia ser firmada com precisão. Na pesquisa, foram incluídas 50 imagens dos três acervos que obedeceram a todos os critérios de inclusão (Quadro 2), das quais seis são utilizadas neste artigo.

Durante a fase de observação das imagens nos locais de coleta de dados, constataram-se similaridades entre imagens dos acervos, invariavelmente em preto e branco, ora negativo em suporte de vidro, e flexível, ora positivo sobre papel, delineando-se, assim, a possibilidade de montagem de um interessante quebra-cabeça com imagens do Recife, aspecto que se admitiu como definidor da seleção de imagens, dada a impossibilidade de analisar os três acervos em sua totalidade.

Quadro 2 – Distribuição das fotografias do *corpus* da pesquisa

Instituições e acervos	Total	Fotógrafos			
		Barza	Tondella	Bocage	Outros
Fundação Joaquim Nabuco					
Acervo total	400	12	71	85	232
Fotografias analisadas	400	12	71	85	232
Fotografias integrantes do <i>corpus</i>	24	4	12	4	4
Museu do Estado de Pernambuco					
Acervo total	404	-	74	30	300
Fotografias analisadas	404	-	74	30	300
Fotografias integrantes do <i>corpus</i>	14	-	12	2	-
Museu da Cidade do Recife					
Acervo total	982	-	-	64	918
Fotografias analisadas	174	-	-	64	110
Fotografias integrantes do <i>corpus</i>	12	-	-	6	6

O levantamento de dados foi realizado por: a) comparação detalhada das imagens para identificação de autoria; b) comparação da imagem selecionada com sua ficha de catalogação, contemplando as variáveis de interesse; c) elaboração da grade de análise documentária de Manini (2002); d) elaboração da legenda e extração de palavras-chave para futura indexação;

e) discussão de diferenças e semelhanças entre este modelo de Manini e aquele empregado no respectivo local de estudo, apontando vantagens, desvantagens, semelhanças e diferenças.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da análise dos acervos dessas três instituições, se pôde depreender a possibilidade de estruturação de um sistema memorial, tendo, como ponto de partida, acervos fotográficos organizados de forma sistemática, seguindo protocolos universais de troca de dados baseados na análise documentária das imagens. Sem dúvida, as imagens do Recife, do período de 1880 a 1930, constituíam um enorme quebra-cabeça cujas peças não se encaixavam, dado estarem dispersas em acervos de instituições de memória que não dialogavam entre si. Na medida em que se empregou a sistematização da informação pelo método de Manini (2002), essas peças foram localizadas, permitindo perceber a possibilidade de interação dialógica da informação e, sobretudo, a recuperação de parte da história do urbanismo do Recife naquele período. Essa recuperação revestiu de propriedade da afirmação de Perez (1998), quanto à existência de uma história associada às imagens, exigindo do cientista da informação a disposição de buscar essas informações históricas, por meio de pesquisa, de leituras nos documentos textuais, para contextualizar para o usuário a recuperação das imagens. Esse é o propósito primeiro de qualquer metodologia de análise documentária.

Nos conjuntos analíticos 1, 2 e 3, identifica-se que as três imagens retratam a construção do novo cais do porto do Recife, no início do Século XX. No Conjunto analítico 1, a foto é de autoria de F. Du Bocage, ao passo que as fotos dos Conjuntos 2 e 3 são atribuídas ao fotógrafo, dadas suas características históricas e técnicas. A observação dessas fotografias é enriquecida quando se aplica a metodologia de Manini (2002), posto que, com a utilização das categorias DIMENSÃO EXPRESSIVA (técnica ou característica formal da fotografia) e SOBRE (significado da imagem) é possibilitada leitura dos aspectos não aparentes, mas capazes de prover análise documentária completa, com recuperação mais eficiente da imagem em sistema automatizado.

Observando as grades dos conjuntos analíticos, a DIMENSÃO EXPRESSIVA permite reuni-las, sob o ponto de vista do enquadramento, como vistas gerais da construção do porto, e, quanto à composição, como paisagens. Em relação à categoria SOBRE, identifica-se que as imagens tratam de construção na região portuária. A concomitância entre a observação da imagem e os conteúdos informacionais da grade permite elege palavras-chave ou termos, que resumem formas de expressão de cada imagem, na condição de serem obedecidos critérios de padronização a fim de que esses termos integrem um vocabulário controlado indexado,

facilitando a recuperação das imagens. Dentre estas palavras-chave, identificam-se algumas comuns aos três conjuntos analíticos, como, por exemplo, cais e ancoradouro, pedra e blocos, porto do Recife, construção, paisagem, vista geral, dentre outros. Tais palavras-chave se constituem em elos de ligação entre imagens de acervos distintos. Nesse sentido, é relevante ressaltar que a imagem do Conjunto analítico 3 resgatada no acervo do Museu da Cidade do Recife, em negativo de nitrato de celulose, está presente no acervo da Fundação Joaquim Nabuco, em positivo sobre papel. Adicionalmente, observe-se que a inclusão da posição da câmara na tomada da imagem (descrita nos Conjuntos analíticos 1 e 3 como câmara alta) e a utilização da objetiva grande angular (com profundidade de campo das imagens) recursos que permitem o refinamento na recuperação de imagens, possibilitam melhor atender a buscas específicas de usuários.

Conjunto analítico 1 – Construção do molhe do cais do porto do Recife



Fonte: Acervo Fundaj (nº reg. BD 98)

	Conteúdo informacional		DIMENSÃO EXPRESSIVA
	DE	SOBRE	
Categoria	Genérico	Específico	construção, região portuária paisagem, vista geral, câmara alta, grande angular
Quem/O Que	cais, molhe	porto do Recife	
Onde	Recife, Pernambuco, Brasil	bairro do Recife	
Quando		1910 (aproximadamente)	
Como		com os elementos principais (blocos de pedra, guindastes e pessoas) enquadrados no primeiro plano	

Legenda: Construção do molhe do cais do porto do Recife, vendo-se grupo de pessoas em vistoria às obras, aproximadamente em 1910. Recife, Pernambuco, Brasil. Foto de F. Du Bocage, papel, gelatina prata, 8,3x29cm. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Palavras-chave: ancoradouro e cais; molhe; guindaste; embarcações, ancoradas; embarcação a remo; pedra, blocos; porto do Recife; bairros, Recife; bairro do Recife; construção; porto, região portuária; paisagem, vista geral; câmara alta; grande angular.

Conjunto analítico 2 – Blocos em sobrecarga no novo cais



23.9.912. Blocos em sobre carga no novo Caes.

Fonte: Acervo MEPE (nº reg. 295)

Categoria	Conteúdo informacional		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	Específico		
Quem/O Que	blocos de pedra, cais, porto	porto do Recife	construção, região portuária, monumento histórico	paisagem, vista geral, grande angular
Onde	Recife, Pernambuco, Brasil	bairro do Recife		
Quando		23/9/1912		
Como		blocos de pedra, como elemento principal da composição, estão enquadrados no centro da imagem		

Legenda: 23.9.912. Blocos em sobre carga no novo Caes. Aspecto das obras de construção do novo cais do porto do Recife, vendo-se blocos de pedra empilhados, armazéns, guindastes e a Torre Malakoff, em 23 de setembro de 1912. Recife, Pernambuco, Brasil. Foto de F. Du Bocage (atribuída), papel, gelatina prata, 8,8x30,5cm. Acervo Museu do Estado de Pernambuco.

Palavras-chave: cais e ancoradouro; pedra, blocos; guindaste; armazém; Torre Malakoff; porto do Recife; bairros, Recife; bairro do Recife; monumentos, Recife; monumento histórico; construção; porto, região portuária; paisagem, vista geral; grande angular.

Conjunto analítico 3 – Construção do novo cais do porto do Recife



Fonte: Acervo MCR (Img 0839 NV) = Acervo Fundaj (nº reg. BD 89)

Categoria	Conteúdo informacional		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	Específico		
Quem/O Que	cais	porto do Recife	construção, região portuária, engenharia, monumento histórico	paisagem, vista geral, câmara alta, grande angular
Onde	Recife, Pernambuco, Brasil	bairro do Recife		
Quando		1915 (aproximadamente)		
Como		panorama das obras, com os elementos principais da imagem (blocos de pedra, armazém, Torre Malakoff) enquadrados de forma equilibrada		

Legenda: Construção do novo cais e dos armazéns do porto do Recife, vendo-se a Torre Malakoff no segundo plano, aproximadamente 1915. Recife, Pernambuco, Brasil. Foto de F. Du Bocage (atribuída), negativo em vidro, gelatina prata, 7,5x21,8cm. Acervo Museu da Cidade do Recife.

Palavras-chave: cais e ancoradouro; embarcações, ancoradas; embarcação à vela; embarcação a vapor; armazém; pedra, blocos; porto do Recife; Torre Malakoff; bairros, Recife; bairro do Recife; monumentos, Recife; monumento histórico; construção; paisagem, vista geral; câmara alta; grande angular.

Essas constatações ressaltam que instituições de memória ricas de informações que poderiam se completar e permear uma visão mais ampla sobre a história urbanística da cidade, não dialogavam entre si, o que denota a inexistência de interoperabilidade, a qual deve ser antecedida da intenção de mudança comportamental. Não se pode resumir sistema memorial a uma base de dados interoperativa, da mesma forma que não se pode resumir o conjunto de memórias despertadas pela visão de uma imagem ao conteúdo imagético. Os processos integram um sistema maior, cuja dinâmica mantém dependência da interação dos diversos elementos para manter o fluxo informacional (DEMPSEY, 2000).

O emprego da metodologia de Manini (2002) convida a considerar que o profissional da informação deve considerar as particularidades que fazem a fotografia ser diferente dos outros documentos. É imprescindível que ele traduza o conhecimento sobre a documentação nos interesses dos usuários, para que possa melhor selecionar na imagem as características que possibilitam que seja encontrada ou recuperada com eficiência, e, ao mesmo tempo, possa manter sob controle a informação nela contida, através de palavras-chave.

Os conjuntos analíticos 4, 5 e 6 retratam a Avenida Martins de Barros, em momentos historicamente diferentes e sob a lente de três fotógrafos (Constantino Barza, no conjunto analítico 4; Manoel Tondella, no conjunto 5, e outro fotógrafo não identificado, no conjunto 6), do que decorre terem a categoria COMO seu principal aspecto diferenciador, quanto à abordagem apresentada nos conjuntos analíticos anteriores, nos quais as categorias SOBRE e DIMENSÃO EXPRESSIVA atuaram como elementos diferenciadores e facilitadores da recuperação das imagens. Observe-se que as imagens mantêm conteúdos informacionais genéricos similares, ao passo que os conteúdos específicos possibilitam identificar o diferencial temporal, na categoria QUANDO, como também o elemento enfocado na composição, na categoria COMO.

No entanto, ao adotar a análise documentária, direcionando o olhar para a sistematização, identifica-se que a imagem de Barza mostra a Avenida sem calçamento, com tropa de mulas, em primeiro plano (Conjunto analítico 4); a imagem capturada por Manoel Tondella registra a Avenida com o calçamento em obras (Conjunto analítico 5), enquanto que a imagem do Conjunto analítico 6, de autor desconhecido, retrata-a com calçamento concluído. Daí decorre afirmar que a adoção da análise documentária, sistematizada,

observando-se a categoria COMO permite a recuperação da evolução urbanística dessa avenida, valendo-se da palavra-chave calçamento.

As imagens dos conjuntos analíticos submetidas à análise documentária permitem identificar a existência de itens informacionais latentes, não catalogados. Observou-se que positivos sobre papel de uma instituição tinham suas matrizes em negativos localizadas em outra instituição, em decorrência da ausência do fluxo de informações. Imagens com autoria desconhecida de uma instituição puderam ter autoria comprovada em outra. Imagens complementares de um mesmo local, quando associadas pela análise documentária, permitiram compor a totalidade da cena. Esses exemplos demonstram que a análise documentária de imagens pode ser uma alternativa de fruição da informação, na medida em que as instituições de memória compreendam sua importância e se percebam como membros de uma rede memorial. Em verdade, uma análise mais crítica permite afirmar que foram pesquisadas três instituições de memória que têm buscado, ao longo do tempo, visibilidade, mas o fazem isoladamente. Empreendem esforços com o mesmo objetivo, mas se tornam ineficientes na medida em que a rede de informações não é tecida. Nesse contexto, a adoção de uma análise documentária sistematizada, padronizada, consensual, poderá oferecer melhores condições técnicas para a interoperabilidade dos acervos.

Conjunto analítico 4 – Avenida Martins de Barros



Fonte: Acervo Fundaj (nº reg. BD 156e)

Conteúdo informacional			SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
DE				
Categoria	Genérico	Específico	espaço público urbano	paisagem, vista parcial, câmara alta
Quem/O Que	avenida	Avenida Martins de Barros		
Onde	Recife, Pernambuco, Brasil	bairro de Santo Antônio		
Quando		1880 (aproximadamente)		
Como		do alto, o elemento principal da composição, a Avenida Martins de Barros sem		

		calçamento, vendo-se uma tropa de mulas no primeiro plano		
--	--	---	--	--

Legenda: Avenida Martins de Barros (sem calçamento), com tropa de mulas no primeiro plano, vê-se trecho do Cais do Ramos e da Ponte Sete de Setembro ou Ponte do Recife, aproximadamente em 1880. Recife, Pernambuco, Brasil. Foto de Constantino Barza, papel, albumina, 9,8x14cm. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Palavras-chave: avenidas, Recife; Martins de Barros, avenida; calçamento, sem calçamento; árvores; tropa de mulas; pontes, Recife; Sete de Setembro ou do Recife, ponte; Rio Capibaribe; bairros, Recife; de Santo Antônio, bairro; paisagem, vista parcial; câmara alta.

Conjunto analítico 5 - Avenida Martins de Barros



Fonte: Acervo MEPE (nº reg. 165)

	Conteúdo informacional		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	Específico		
Quem/O Que	avenida e cais	Avenida Martins de Barros e Cais do Ramos	espaço público urbano, reforma urbana	paisagem, vista geral, câmara alta, grande angular
Onde	Recife, Pernambuco, Brasil	bairro de Santo Antônio		
Quando		ca. 1900		
Como		do alto, vista parcial da avenida, com o cais à esquerda e obras do calçamento em primeiro plano		

Legenda: Avenida Martins de Barros em obras e embarcações ancoradas no Cais do Ramos ou do Colégio (depois denominado Cais 22 de Novembro), aproximadamente em 1900. Recife, Pernambuco, Brasil. Foto de Manoel Tondella, papel, gelatina prata, 13x18,3cm. Acervo Museu do Estado de Pernambuco.

Palavras-chave: ancoradouro, cais; Cais do Ramos ou do Colégio ou 22 de Novembro; Rio Capibaribe; avenidas, Recife; Martins de Barros, avenida; chaminé; obras públicas; calçamento; embarcações, ancoradas; embarcação à vela; transeunte; trabalhador; bairros, Recife; de Santo Antônio, bairro; espaço público urbano; reforma urbana; paisagem, vista geral; câmara alta; grande angular.

Conjunto analítico 6 - Avenida Martins de Barros



Fonte: Acervo Fundaj (nº reg. BD 242)

Categoria	Conteúdo informacional		SOBRE	DIMENSÃO EXPRESSIVA
	Genérico	DE Específico		
Quem/O Que	avenida, praça, igreja	Avenida Martins de Barros, Praça Dezesete, Igreja do Espírito Santo	espaço público urbano	paisagem, vista geral, grande angular
Onde	Recife, Pernambuco, Brasil	bairro de Santo Antônio		
Quando		1905 (aproximadamente)		
Como		panorama com os elementos da imagem enquadrados de forma equilibrada, tendo o calçamento da avenida em primeiro plano		

Legenda: Trecho da Av. Martins de Barros, vendo-se, em segundo plano, da esquerda para a direita, a lateral do Colégio dos Jesuítas, a Igreja do Espírito Santo, a Praça Dezesete e o casario, aproximadamente em 1905. Recife, Pernambuco, Brasil. Autoria não determinada, papel, gelatina prata, 6x22,5cm. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

Palavras-chave: avenidas, Recife; Martins de Barros, avenida; igrejas, Recife; do Espírito Santo, igreja; Colégio dos Jesuítas, Igreja do Espírito Santo; praças, jardins, Recife; Dezesete, praça; bairros, Recife; de Santo Antônio, bairro; calçamento; casario; espaço público urbano; paisagem, vista geral; grande angular.

A análise documentária de imagens de Manini (2002) é um caminho possível e sua exemplificação pode ser considerada um convite para aprofundamento do debate sobre a missão das instituições memoriais, enquanto integrantes de uma rede memorial. No entanto, tal como se verificou em outros contextos ao longo da história, a implantação da análise documentária de imagens é um dos itens essenciais à interoperabilidade, mas não o único. Essa interação se constitui em novas oportunidades das quais derivam outras emoções com as quais se constrói e reconstrói o pertencimento do indivíduo ao local expresso na imagem (ROBERTSON, 2002).

Analogamente, nas instituições de memória, as necessidades dos usuários devem desencadear novas oportunidades de agregação de informações, de troca de informações padronizadas, fazendo com que o sistema informacional construa e reconstrua processos invisíveis aos usuários, os quais conferem significado às informações disponíveis, fechando o ciclo da interoperabilidade. Há que se ressaltar a necessidade de um novo *modus operandi* das instituições de memória, pautado na mudança comportamental da compreensão de que cada

instituição de memória não pode operar sozinha, porque integra um sistema memorial (DEMPSEY, 2000).

A missão de um sistema memorial depende intrinsecamente do fluxo de informações para que não se esgote. Em outras palavras, na medida em que as informações são processadas e disponibilizadas, geram modificações no aparato intelectual do usuário e, portanto, produzem novos conhecimentos. Estes devem ser processados, novamente disponibilizados, de forma ininterrupta, que é o cerne do campo de estudo da Ciência da Informação (LE COADIC, 1996).

É oportuno ressaltar que instituições de memória, dotadas de um mesmo processo de organização de análise documentária de imagens do Recife, estando instrumentalizadas, podem dialogar entre si e permitir ao usuário acesso à informação, independente de onde esteja o acervo de origem. Possibilita-lhes dotar de significado lugares geográficos urbanisticamente modificados. A dotação de significado se traduz em sentimento de pertencimento, em estado emocional favorável à conservação cultural e social, do que decorre a pertinência de afirmar que a interoperabilidade transcende a organização de acervos fotográficos, para compor um item essencial ao sistema memorial e ao bem-estar social (FARINA, TRABACH, 2009). Nesse contexto, a interoperabilidade, o diálogo entre instituições de memória possibilita a transcendência temporal e essa transcendência favorece o exercício do poder de modificação social, na medida em que a recuperação de imagens da cidade se traduz em recuperação de lembranças políticas, coletivas, interpessoais, interacionais, dando força ao sistema. Quanto maior o número de sinapses informacionais, tanto mais a realidade pode ser conhecida, interpretada e introjetada como valor existencial, permeando o desenvolvimento do conhecimento (BOSI, 1994; RODRIGUES, MACHADO, 2010).

Na Ciência da Informação, associar a análise documentária à disponibilização das imagens digitalizadas, ou seja, prover as imagens de um tratamento informacional com linguagem documentária, que uniformiza o método documental, enseja condições de estabelecer parâmetros para a recuperação de informações, de forma sistematizada. No caso da análise documentária apresentada, cujas imagens retratam áreas da cidade já descaracterizadas, foi necessário cotejar o conteúdo de vários acervos para possibilitar remontar as cenas fotografadas e descrevê-las. Foi assim que as peças do quebra-cabeça foram encaixadas para apresentar o cenário do Recife. Admitir o potencial de interoperabilidade entre instituições de memória é admitir uma ação conjunta, intencional, adotando a análise documentária como roteiro metodológico para descrição de imagens, como

forma de padronização da indexação. Esse processo técnico seguindo parâmetros pré-estabelecidos poderá alimentar uma estrutura automatizada na qual esses acervos dialogarão e poderão se constituir em um único conjunto documental virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, ao tempo em que apontou um caminho e os benefícios que se podem auferir pelo uso da análise documentária de imagens, é um convite para que as instituições de memória operacionalizem sua equifinalidade numa rede memorial como agenda de futuro. Será a partir do passeio sobre fragmentos do passado fixados em saís de prata que se deverá buscar despertar a memória para iluminar a história, bem como trazer a história para pôr luzes nas fotografias. No entanto a formação de uma rede de instituições do tipo memorial exigirá projetos pactuados, partindo de um diagnóstico situacional, que contemple aprofundamento do conhecimento dos acervos, dificuldades e avanços na preservação, manutenção e acesso aos acervos, capacitação do corpo técnico, bem como do sistema de organização arquivística e de difusão das informações em meio digital, possibilitando assim a disponibilização das informações na Internet.

A proposta de futuro quanto à adoção da análise documentária de imagens de Manini (2002), para que se possa concretizar a constituição de uma rede de informações imagéticas da cidade do Recife, de instituições de memória, pode parecer ousada, mas se apresenta como uma necessidade premente para que a memória da cidade seja preservada e possa ser resgatada pelas gerações atuais e pelas que se seguirão.

Instituições memoriais detentoras de acervos fotográficos precisam integrar uma rede de memória na qual as informações sobre suas imagens sejam acessíveis de forma interativa, padronizada, sistematizada, dialogando entre si, com possibilidade de recuperação em um único sistema informacional em qualquer parte do mundo, de forma que ao documento seja dada a importância, e não a seu local de guarda. Não fosse o congelamento do tempo na fotografia, o diálogo entre o passado longínquo e o presente seria inviabilizado e as discussões históricas sobre a construção desta cidade estariam empobrecidas. Para isso é necessário que estejam processadas as imagens obedecendo a padrões de análise documentária, como proposto por Manini (2002), dado contemplar tanto a especificidade tradicional, quanto inovadora ao acrescentar detalhes da técnica utilizada no momento da produção da imagem, o que promove o enriquecimento informacional. Na busca pela dilatação dos canais de acesso e disseminação de informação, a Ciência da Informação muito tem a contribuir ao debate, ainda

desafiador, especialmente na formulação das políticas públicas de acesso à informação como fenômeno social.

No final do milênio que se foi e no princípio do novo, uma nova cultura de colaboratividade se instala com tanta força que a sociedade da informação tem sido conhecida por sociedade da colaboração. Isto implica no desenvolvimento de estratégias conectas, mediadas pela Tecnologia da Informação, mas principalmente, pela mudança de valores, que paulatinamente, tem abandonado práticas custodialistas, em troca da interoperabilidade entre seres e sistemas de sua criação.

A fotografia, uma expressão poética do olhar tecnológico, serviu-nos de guia apontando o caminho para conectar organizações e práticas de troca e cultura multiusuária. Como o rio corre para o mar, a informação memorial corre para o acesso, marcando um novo tempo no qual o uso social da informação é maior que o controle, a prática que une os sistemas é mais forte que as barreiras que as separam!

REFERÊNCIAS

ABREU, M. A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras**, Geografia I, Porto, v. 14, p. 77-97, jun.1998.

BERTALANFFY, L. **Teoria geral de sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1975. 360p.

BERTRAND, G. Paysage et géographie physique globale. Esquisse méthodologique. **Caderno de Ciências da Terra**. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, n. 13, 1972.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 1994, 488p.

CALLEGARO, M. M.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Pesquisas em neurociência e suas implicações na prática psicoterápica. In: CALLEGARO, M. M. **Psicoterapias abordagens atuais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 851-872.

COELHO, L. C. A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens. In.: XIII Encontro Nacional da Anpur, Florianópolis, 2009, 22p.

CORNELSEN, J.; MIRANDA, M. Sentidos e acepções da memória: da custódia à pós-custódia. **Páginas a&b**, Aveiro, n. 5, p. 131-164, 2010.

CORRÊA, R. L. A. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In.: CASTRO, I.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Pp. 15-47.

COUTO, A.B. Que visão para a defesa? Portugal-Europa-NATO. **Nação e Defesa**. v. 124, p. 19-86, 2009.

DEMPSEY, L. Scientific, industrial, and cultural heritage: a shared approach a research framework for digital libraries, museums and archives. **Ariadne Web Magazine for Information Professionals**, v. 22, p. 1-7, 2000. Disponível em: <http://www.ariadne.ac.uk/issue22/dempsey/>. Acesso em 12 de dezembro de 2012.

FARINA, B. C.; TRABACH, D. M. Inclusão e a formação de lugares: do pertencimento à estigmatização. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009. 14p.

GALINDO, M. **O domínio da memória**: em busca de uma epistemologia específica. [s.l.; s.n.], 2010. No prelo.

GRADMANN, S. Interoperability Challenges in Digital Libraries. First DL.org Workshop on Digital Library Interoperability, Best Practices and Modelling Foundations (ECDL 2009). 2009. Disponível em http://www.dlorg.eu/uploads/Workshop%20Corfu/Interoperability%20Challenges%20in%20Digital%20Libraries_Gradmann.pdf. Acesso 20 de dezembro de 2012.

HOLLANDA, R. Fotografia e cidade: a informação nas imagens de Augusto Malta e Eugène Atget. In: PINHEIRO, L. V. R.; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. (Org.). **Interdiscursos da ciência da informação**: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro/Brasília, IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 173-182.

LE COADIC, Y. F. **A Ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

MALTA, A. O. L.; LIMA, M. G. Patrimônio em saís de praia: fotografias como fontes de informação em sistema memorial. **VIII Jornada de Fotografia e História**. Montevideo, 2012.

MANINI, M. P. **Análise documentária de fotografia: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários**. 2002. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MONTEIRO, I.S., MAIA, A. Propriedades psicométricas da versão portuguesa do instrumento de avaliação do sentimento de pertença. **Revista de Ciências da Saúde de Macau**, v.9, n.1, p 19-26, março, 2009.

MOREIRA, E.V.; HESPANHOL, R.A.M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação, São Paulo**, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2009.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. Revista do Programa de Estudo Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. n. 10, p. 7-28. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA Jr, L.C.G. O cinema de fluxo e a *mise en scene*. Dissertação (Mestrado). Departamento de Cinema, Rádio e Televisão. USP. São Paulo, 2010, 161p.

PEREZ, C. B. **A fotografia na narrativa histórica**: o resgate da história da cooperativa dos empregados da viação férrea do Rio Grande do Sul. Campinas. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, 1998.

POLLAK, M. Memória e identidade. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROBERTS, L., TRAVIS, J. How are memories retrieved? **Science**. v. 338, n. 6103, p. 30-31, 2012.

ROBERTSON, L. T. Memory and the brain. **Journal of Dental Education**, v. 66, n. 1, p. 30-42, jan. 2002.

RODRIGUES, G. G.; MACHADO, N. T. G. A importância da memória para uma cidade. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 2, n. 2, p. 23-26, 2010.

SALGUEIRO, T. B. **Lisboa, Periferia e Centralidades**. Oeiras, Celta Editora. 2001. 230p.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, P. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, mai./ago. 2007.

WECKOWICZ, T. E. Ludwig von Bertalanffy (1901-1072): a pioneer of general systems theory. **CSR Working Paper**, n. 89, v. 2, 1989.